

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/25528>

DOI: 10.48075/rt.v14i2.25528

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2020 by Universidade Estadual do Oeste do Parana/Centro de Educação,
Comunicação e Artes. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>



A POESIA DOS PRESOS POLÍTICOS

Thales de Medeiros Ribeiro – thalesmedeirosribeiro@gmail.com

Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, São Paulo, Brasil; Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/Brasil); <https://orcid.org/0000-0002-0005-133X>.

RESUMO: Inscrita no amplo quadro da *literatura de resistência à ditadura civil-militar brasileira*, a poesia dos ex-presos políticos ainda ocupa um lugar marginal nas bibliografias primárias e nos estudos críticos sobre a produção literária de teor testemunhal. Objetivamos recensar uma amostragem significativa de elaborações poéticas escritas pelos presos políticos da ditadura, situando o campo de impasses que esse *corpus* diretamente relacionado à experiência do encarceramento arbitrário condensa e encena. Por se tratar de um esforço de sistematização, o presente artigo é de natureza descritiva e não visa apresentar uma análise (estética ou sociológica) dos autores, das obras ou dos poemas mencionados. Com base no campo aberto pelo debate de Heloisa Buarque de Hollanda, empregamos as expressões “poesia de cárcere” e “poesia de presos” para designar as produções poéticas de ex-presos políticos, escritas durante ou após a ditadura civil-militar brasileira. Não ignoramos a multiplicidade e a heterogeneidade desse gênero e as imprecisões e os impasses que tais designações provisórias podem engendrar. Todo esforço de reunir, classificar e inventariar é suscetível de apagamentos e equívocos. Por fim, não pretendemos fazer uma apresentação totalizante, que contemple todos os poetas do cárcere, mas listar uma amostragem significativa encontrada no processo de pesquisa. Para organizar esse trabalho de recensão, dividimos o artigo em três sessões: as obras editadas; a poesia de cárcere e a imprensa de resistência; a poesia dos presos políticos no arquivo.

PALAVRAS-CHAVE: Ditadura civil-militar brasileira; Literatura de resistência; Poesia dos presos políticos.

1 INTRODUÇÃO

É provável que o primeiro esforço de reflexão geral sobre os expoentes, temas e impasses da poesia dos presos políticos tenha sido realizado por Heloisa Buarque de Hollanda em um curto artigo publicado em 1981. A crítica tentou equacionar os aspectos fundamentais de um gênero que surgia sob o signo da “abertura” política: a literatura do exílio e a da prisão “pós-anistia”. Além de alçar esse gênero ao estatuto de uma *marca geracional e coletiva* e especificar que ele é construído pelos “agentes, sujeitos e [...] objetos de um segmento da história pós-64, a luta armada”¹, Hollanda o compreende como uma espécie de “*depoimento testemunhal*” distinto da autobiografia, do relato da história recente ou mesmo das formas ficcionais jornalísticas. O aspecto singular do testemunho consistiria na pouca informação original sobre a luta armada, as organizações, torturas e os inquéritos dados a público através da leitura desses trabalhos (HOLLANDA, 1981).

Duas obras de Alex Polari, *Inventário de cicatrizes* (1978) e *Camarim de prisioneiro* (1980), marcam o percurso de uma contradição entre a vida e a prática da criação na militância e na arte. Os elementos

¹ Em outro texto, a crítica retomou e ampliou a primeira definição proposta para os escritores desse novo “gênero”, referindo-se àqueles que participaram, *direta ou indiretamente*, dos *movimentos da “luta armada”* ou da “*militância política mais efetiva*” (HOLLANDA, 1982).

apresentados em seus livros seriam um caso exemplar do novo gênero: a tentativa de *articulação do político com o pessoal* e os temas ligados ao saldo da militância e da vida como sentimento, comportamento, sexualidade e renúncia das certezas.

Com base nessa reflexão, situaremos a poesia dos presos políticos a partir de três questões gerais: a) essa poesia é parte da avalanche de produções autobiográficas pós-anistia? b) Como a noção de testemunho está articulada à leitura e interpretação de obras poéticas desse gênero? c) Sendo portadora de uma marca geracional e coletiva, em que medida a poesia de cárcere se aproximaria do quadro mais amplo da literatura de resistência à ditadura civil-militar brasileira, e, em particular, da “poesia marginal”?

Em hipótese, a produção poética dos presos políticos poderia ser comparada ao *boom* das narrativas autobiográficas escritas por ex-membros da guerrilha urbana armada, como Renato Tapajós, Fernando Gabeira, Alfredo Sirkis e Reinaldo Guarany. A meu ver, essa aproximação tem seus limites, especialmente se enfatizamos uma dissimetria entre a atenção conferida à poesia e à prosa.²

Um caso é exemplar. Em uma ampla pesquisa sobre os romances escritos por membros da guerrilha urbana, que foram publicados entre 1977 e 1984, Mário Augusto Medeiros da Silva rechaça *Inventário de cicatrizes* de seu *corpus* e de sua pesquisa sociológica. Partindo da frágil distinção entre prosa e poesia elaborada por Jean-Paul Sartre, o autor argumenta, com ressalvas, que há uma relação diferencial entre os dois discursos: “o império dos signos é a prosa; a poesia está lado a lado com a pintura, a escultura, a música”. Em nota de rodapé, ele escreve:

Não se poderia analisar poesia, portanto, buscando-lhe um sentido sociológico. Esse seria um dos motivos de não se incluir nessa dissertação textos como os de Alex Polari [...]. Poemas são símbolos em si. Nas palavras de Sartre, são coisas, não as querem ser. À poesia ficaria reservada, então, apenas uma análise semiológica, semiótica, estética. (SILVA, 2008, p. 38)

A despeito dessa separação, diferentes perspectivas da crítica frequentemente convocam a ótica dos estudos do testemunho para descrever e analisar as obras literárias da e sobre a ditadura, seja em poesia ou em prosa. Visando compreender as múltiplas faces da literatura de testemunho, Wilberth Salgueiro comenta três textos sobre a prisão, escritos em diferentes momentos da história brasileira: *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos, *Camarim de prisioneiro*, de Alex Polari, e *Sobrevivente André du Rap (do Massacre do Carandiru)*. O autor destaca que “multiplicam-se os estudos sobre a obra de Graciliano, crescem as pesquisas sobre [André] du Rap (e outras narrativas de cárcere) e praticamente inexistem

² Tal produção pode ser periodizada de acordo com um conjunto de regularidades, vide “Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70”, de Renato Franco (2012), e *A literatura como arquivo da ditadura*, de Eurídice Figueiredo (2017). Apesar de o termo literatura comparecer nos dois títulos, ambos os debates são construídos exclusivamente a partir de narrativas em prosa (em particular, romances). Por isso, os principais expoentes da poesia de cárcere, como Alex Polari e Pedro Terra, não são mencionados. Pese o fato de que parte significativa da poesia dos presos tenha sido escrita antes da libertação dos seus autores, seria necessário, em estudos futuros, avaliar o conjunto dessa poesia, assim como a poética singular de cada autor e obra, para situá-los em relação às duas periodizações.

trabalhos sobre os livros de Alex Polari” (SALGUEIRO, 2012, p. 295). Essa consideração é crucial, posto que expõe não apenas o lugar marginal conferido à produção poética em detrimento da narrativa em prosa, mas também mostra um certo “apagamento” da poesia dos presos políticos da ditadura. Apesar de a poesia de cárcere condensar elementos cruciais à noção crítica de testemunho, é plausível que o seu lugar marginal se deva, antes, à peculiaridade do discurso lírico, que parece colidir com os prolegômenos do campo do testemunho, voltado hegemonicamente à dominância e à força da narrativa autobiográfica em prosa. Salgueiro constata que, na contramão do acentuado crescimento de trabalhos dedicados a investigar as relações entre literatura e testemunho no Brasil, há uma nítida “escassez de pesquisas que relacionam ‘testemunho e poesia’” (SALGUEIRO, 2015, p. 127).

Na contracorrente a essa tendência, Vitor Cei Santos aborda a célebre antologia *26 poetas hoje*, organizada por Hollanda (1975), buscando identificar como a “poesia marginal” operou uma “crítica da experiência política de seu tempo”. Segundo Santos, a filosofia estética de Theodor Adorno possibilitaria examinar o teor social da lírica, desvelando uma “memória das tensões que ocorriam no Brasil nos anos de ditadura”. Incorporando a obra de Alex Polari ao quadro da poesia marginal, o autor se atenta ao teor testemunhal dessa poesia, buscando entrelaçar “conteúdo autobiográfico e memória social” e “mostrar como os problemas histórico-sociais pós-1964 marcam as obras da geração mimeógrafo, tornando sua lírica uma rememoração do autoritarismo” (SANTOS, 2010, p. 87).

A nosso ver, tanto a poesia dos presos quanto a poesia marginal estão, de fato, inseridas em um quadro de rememoração do autoritarismo. Ao entrelaçar aspectos pessoais e coletivos, ambos agudizariam os processos históricos-sociais e culturais pós-1964, inscrevendo no corpo dos poemas uma marca geracional. No entanto, a aproximação entre a proposta ético-estética de Alex Polari com a poesia marginal expõe outro problema: como pensar o conjunto das elaborações poéticas dos presos políticos frente a certas designações específicas da lírica de seu tempo?

Em primeiro lugar, relembremos que a “paradigmática” obra de Alex Polari, embora estivesse “fora” da movimentação marginal *stricto sensu*, se assemelha à sua “dicção”: “embora estivesse na prisão, fora da movimentação ‘marginal’ que agitou a vida cultural do país, [a] dicção [de Alex Polari] é assemelhada, tratando coloquial e diretamente de sua experiência diária, de forma que muitas vezes seus poemas soam como relatos ou confissões” (VIEIRA, 2007, p. 17).³

Um olhar atento aos aspectos estéticos das duas poesias mostra que não é apenas a “dicção” coloquial e confessional que ligaria os dois gêneros. Enquanto índices do trauma e de um “luto social irrealizado”, ambos são constantemente atravessados por fulgurações do *vazio*, da *asfixia* e da *incisão*,

³ Para um amplo debate sobre o termo “literatura marginal” e suas variantes, cf. a tese *A palavra perplexa: experiência histórica e poesia no Brasil nos anos 70*, de Beatriz Vieira (2007). Em colaboração com Andréa Mirati, a autora elaborou um extenso quadro dos “poetas e principais obras – marginais e/ou alternativos e ‘próximos’ (1968-1983)”. Nele, estão incluídos os dois livros de poesia de Alex Polari.

construindo imagens de *fragmentação* e *dor* através de um amplo processo de subjetivação da linguagem. Na poesia dos presos políticos, aliás, a disseminação das imagens dos muros, das separações e das fronteiras estão diretamente associadas ao esvaziamento traumático causado pela experiência (histórica e social) de confinamento.

Em “As ciladas do trauma: consideração sobre história e poesia nos anos 1970”, Beatriz Vieira mostra como a constatação de uma história inacabada e de uma cultura arruinada revelam a ampla ressonância social de um “esvaziamento traumático”. O vazio cultural e a asfixia eram, então, as metáforas privilegiadas para tentar descrever o quadro cultural pós-AI-5. De Torquato Neto a Alex Polari, a poesia desse tempo apresenta imagens da dor e da fragmentação, remetendo a um corte que rasga as camadas do tecido social. Na antologia *26 Poetas hoje*, por exemplo, pululam imagens poéticas de “sangue, feridas, medo, ‘sufoco’, estrangulamento, nó na garganta, solidão, suicídios, amores e dissabores cotidianos, ao lado daquelas de separação e incisão, sem mencionar as incontornáveis cicatrizes” (VIEIRA, 2010, p. 163).

Da mesma forma que a poesia marginal, a poesia dos presos políticos só pode ser compreendida em sua heterogeneidade, com seus diferentes matizes, tradições, temáticas e dicções. Tendo em vista um conjunto mais amplo de autores do que a poética singular de Alex Polari, um exame desse quadro mostra que tal aproximação também tem seus impasses e limites. Não ignorando que Alex Polari pode, certamente, ser aproximado da dicção da poesia marginal, dificilmente a mesma comparação poderia ser atribuída a todos os poetas do gênero. É o caso daqueles que, em geral, eram oriundos das “ligas camponesas” do Nordeste e produziram uma poesia mais próxima à dicção da “literatura de cordel”, como Oswald Barroso ou Aybirê Ferreira de Sá.

É notável que, em uma acepção cronologicamente mais próxima de nós, a literatura contemporânea designada como *marginal* se refere, em parte, à produção testemunhal associada à experiência do encarceramento. Em *Vozes marginais na literatura*, Erica Peçanha do Nascimento apresenta as três principais tendências que o termo “literatura marginal” vem assumindo desde os anos 90, em contraste com a poesia marginal setentista. A primeira abrangeria toda a produção de escritores oriundos de espaços marginais; a segunda agregaria os textos que tomam como tema a violência, a pobreza, as carências culturais e sociais, o cotidiano dos presídios etc. A terceira abarcaria as obras que narram “as vivências de seus autores [‘marginalizados’] na criminalidade e nas prisões” (NASCIMENTO, 2009, p. 110).

Se essas definições, sob o signo do cárcere, poderiam relacionar a poesia dos presos políticos à “literatura marginal” contemporânea (e não à poesia marginal dos anos 70), há, entretanto, uma diferença crucial. Durante a ditadura, uma divisa ideológica entre os “presos comuns” e os “presos políticos” não só marcou a produção literária de Alex Polari, mas a de quase todos os outros escritores aqui

mencionados. A designação contemporânea “literatura marginal” incidiria sobre os ditos “presos comuns”, invisíveis no arquivo, isto é, as vidas e os corpos (majoritariamente negros) que, ainda hoje, sofrem a violência e as coerções do poder gregário. De forma bastante condensada, o nosso percurso desvela a existência de, pelo menos, três distinções que, a despeito de serem ideológicas (isto é, simbólicas e imaginárias), acabam determinando as diretrizes na compreensão corrente da poesia dos presos políticos: a “luta armada” *versus* a “contracultura”; a “guerrilha urbana” *versus* as “ligas camponesas”; os “presos políticos” *versus* os “presos comuns”.

Para além dos limites impostos pelas três divisas ideológicas, acreditamos ser necessário repensar a produção poética dos presos da época em um quadro mais amplo, que designaremos genericamente como *poesia de resistência à ditadura civil-militar brasileira*. Cristiano Jutgla (2017) indica que a produção literária de ex-presos políticos – como Alex Polari, Pedro Tierra e Lara de Lemos – é uma vertente da poesia de resistência à ditadura distinta de outras tendências da poesia brasileira que também se “enquadrariam” nessa etiqueta, como o “concretismo”, a “poesia práxis” e a “poesia marginal”.

Ao lado de “poetas consagrados” (como Thiago de Mello) e de “poetas em formação” (como Ferreira Gullar) durante as décadas de 60, 70 e 80, os “poetas testemunhais” da época seriam os “militantes de esquerda, estudantes, intelectuais, professores, que *escreveram poemas sobre sua experiência política*. A essa produção, não reconhecida pela crítica e/ou pelo público, denomino ‘poesia de testemunho’” (JUTGLA, 2015, p. 403, grifo nosso). Se isolarmos a poesia dos presos políticos como um gênero independente, poderíamos interrogar uma série de impasses que tal tripartição estabelece: o testemunho se restringe à vivência individual do autor? Quais vivências deveriam ser (des)consideradas? O tempo cronológico importaria, ou seja, é possível “mensurar” o teor testemunhal (do poeta e dos poemas) com base no tempo que um determinado autor esteve dentro da prisão? Sendo um “poeta consagrado”, Thiago de Mello escreveu pelo menos um poema no período que passou pela prisão: “Iniciação do prisioneiro”, em *A canção do amor armado* (1979). De forma semelhante, Ferreira Gullar escreveu o poema “Prisioneiro”, publicado em *Dentro da Noite Veloz* (1975). Seus poemas pertenceriam mais (ou menos) a esse gênero do que os de outros poetas que, por sua vez, teriam sua poética definitivamente marcada pela experiência de confinamento, a exemplo de Jacinta Passos?⁴

Em outro texto, Jutgla afirma que “a poesia de resistência, escrita e publicada durante e/ou após o fim da ditadura, não tem sido objeto de trabalhos de fôlego com exceção de artigos esparsos e poucas pesquisas, o mesmo podendo ser dito da bibliografia primária” (JUTGLA, 2015, p. 14). Haveria, portanto,

⁴ Duas vezes presa pelo regime, Jacinta Passos foi transferida para um sanatório particular de Aracaju, a Casa de Saúde de Santa Maria, onde escreveu, de 1967 até 1973, o ano de sua morte. Cf. o livro *Jacinta Passos, coração militante: poesia, prosa, biografia, fortuna crítica*, organizado por Janaína Amado (2010). Inversamente, convém interrogar como a experiência histórica se estende para além do tempo, das muralhas e das instituições, afetando profundamente a escrita e a poética singulares de poetas como Wilma Ary (*Entremelamento: um livro de muitas vidas*), Lara de Lemos (*Adaga Lavrada*) e Alípio Freire (*Estação Paraíso*).

uma dificuldade de os novos pesquisadores adentrarem nessa temática, devido à falta de fortuna crítica. O nítido apagamento dessa produção estaria balizado em três fatores: a) o não-reconhecimento da “poesia política” como objeto de estudo principal. Neste caso, ela apareceria “a reboque de outras”, sobretudo da poesia marginal; b) a tendência a comprimir essa poesia em um recorte temporal muito estrito, como o final da década de 1960 e meados da década de 1970, apagando uma série mais ampla de produções e publicações ulteriores. Sobre esse ponto, acrescentamos que um número não ignorável desses poetas vem publicando seus textos escritos durante ou após a experiência do cárcere político, certamente em consonância com as diversas políticas de memória que, então, começavam a ganhar forma; c) por fim, “a afirmação generalizante de que esses textos estariam datados devido a seu caráter documental” (JUTGLA, 2015, p. 16).

Com base nesse percurso, procuramos recensear e listar uma amostragem significativa de elaborações poéticas escritas pelos presos políticos da ditadura. Nosso trabalho está distribuído em três sessões: as obras editadas; a poesia de cárcere e a imprensa de resistência; e a poesia dos presos políticos no arquivo.

2 AS OBRAS EDITADAS

Na introdução de *Trincheiras de papel: ditadura e literatura carcerária no Uruguai*, Alfredo Alzugarat comenta que, em seu país, existem muitos estudos sobre a literatura de exílio e insílio, mas a literatura surgida no cárcere ainda é um território quase inexplorado pela crítica especializada. Com essa constatação, Alzugarat recenseou cerca de 44 obras publicadas que foram escritas dentro dos cárceres ou imediatamente após a libertação de seus autores. Do ponto de vista da escrita, “o cárcere foi um universo de valiosos matizes que, ao menos como ponto de partida, é imprescindível investigar, inventariar, resenhar e expor” (ALZUGARAT, 2007, p. 6, tradução nossa).

Ao buscar suas raízes na poesia contestatária dos anos 70, a literatura carcerária do Uruguai desenvolveu a poesia como gênero literário privilegiado. Contudo, o universo fechado das prisões impôs a cada escritor-sobrevivente a necessidade de uma *reinvenção da escrita*, desde sua mínima expressão. Em sua *arché* subterrânea, a literatura do cárcere teria nascido das sessões de tortura e se consolidado na solidão dos calabouços. Após os primeiros tempos de tortura, os presos puderam escrever cartas e ler de forma coletiva e cotidiana, marcando definitivamente o desenvolvimento de uma produção literária. Nos dias de extensão ilimitada em que eles permaneciam incomunicáveis, sem se mover, sentados sozinhos e encapuzados, muitos memorizavam os versos e, posteriormente, os transcreviam.⁵ Alzugarat comenta

⁵ Na dissertação *A subida do monte purgatório: estudo da experiência dos presos políticos da Penitenciária Regional de Linhares (1969-1972)*, de Flávia Maria Franchini Ribeiro (2007), é a partir de uma entrevista que Guido de Souza Rocha recita (oralmente) um poema “guardado” na memória. Esse fato aponta para um elemento a mais na relação da literatura de teor testemunhal e o quadro da memória histórica: o papel da transmissão oral.

que foram muitos os que fizeram poemas nas piores condições, a começar pelo material precário da escrita até as inevitáveis perdas sofridas no processo de circulação dos textos. Ademais, o ato proibido de escrever e a censura contêm um risco que põe em relevo uma *resistência ao poder*. Apesar de alguns escritos poético-carcerários virem à luz a ponto de serem inventariados e calculados pela crítica universitária, outros ecos e fragmentos foram definitivamente destruídos, nunca chegando a circular publicamente.

A poesia que se desenvolveu nos porões da ditadura brasileira lança luz a um território de questões análogas, a começar pelas dificuldades de transmitir a poesia para além dos muros e pela precariedade dos materiais e “suportes” de escrita.

Nas dependências do DOPS, Frei Tito escreveu alguns poemas, assim como os outros textos autobiográficos, que, burlando as apreensões policiais, chegaram clandestinamente até nós. Grande parte de sua produção escrita (prática estritamente proibida para os presos políticos) se perdeu por causa de uma série de confiscos e de transferências entre presídios. É provável que nenhum poema escrito nessa época tenha sobrevivido (RODRIGUES, 2015).

De forma semelhante a Tito, o poeta Alex Polari rememora que, dentro da prisão, os oficiais frequentemente faziam revistas, apreendendo os papéis encontrados na cela. Contra a atividade censória, os presos começaram a reinventar os suportes (clandestinos) de escrita e as suas formas de transmissão:

Tinha todo um jogo da correspondência oficial, como entre eu e minha mulher — que também tava presa — que era censurada da forma mais absurda possível. A gente tava falando de uma transa pessoal numa carta toda riscada de preto. *Então cismeí de botar as coisas para fora nessa prática clandestina. A gente transava artesanato, umas coisas de couro, de madeira, e embalava poemas em fundos falsos, passava na visita...*

Ricky — Faziam uns *samizdats* brasileiros.

[...]

Virgílio — Você perdeu muitos poemas?

ALEX — Ah, perdi. *Tinha lugares que não tinha caneta, lápis, não deixavam essas coisas, então você escrevia na cabeça.* O maior exercício mesmo. *A gente inclusive inventou uma tinta com pasta de dente e cinza de cigarro.* (O PASQUIM [ALEX POLARI], 1982, p. 8, grifo nosso)

Na introdução de *Poemas (quebrados) do cárcere*, Gilney Viana conta como reuniu o seu material poético que, até então, estava disperso no livro *131-D. Linhares. Memorial da Prisão Política* (1979) e nos arquivos de cadeia, em cadernos de anotações e cartas. Para o autor, após mais de três décadas de sua produção, os poemas parecem construir uma “imagem impressionista da prisão”.

Embora me sejam caros, espero que o leitor e a leitora compreendam que estes *Poemas (quebrados) do cárcere* são imagens impressionistas da prisão, como o são *Rondó da liberdade* de Carlos Marighella, preso político durante a ditadura Vargas; *Inventário de cicatrizes* de Alex Polari, e *Poemas do povo da noite* de Pedro Tierra [...]; porque não há poesia capaz de traduzir a crueldade das torturas físicas e psicológicas, nem o processo de destruição programada dos longos anos de cárcere. (VIANA, 2011, p. 11, grifo nosso)

Não compreendo a poética excarcerada como a criação de imagens impressionistas para as prisões, mas como lugar de uma impressão, de um risco que demarca a existência de uma *vida precária*. E mais: os papéis avulsos e poemas “quebrados, desesperados e esquecidos” não ocupam o lugar de uma *presença*, mas *circunscrevem uma perda*. É pela via da literalidade que essas *impressões* rasuram a *impossibilidade* de traduzir, em palavras e imagens, “a crueldade das torturas físicas e psicológicas” e o “processo de destruição programada dos longos anos de cárcere”. Os versos precários, muitas vezes (ar)riscados com lápis ou fósforos queimados, podem deixar uma marca (único testemunho) de que houve uma vida excarcerada. Alguns deles chegaram a ser publicados muitos anos depois de sua escrita, como o poema “Ataque de Peões”, de Paulo Fonteles, editado somente em 2006. O próprio tema da poesia se refere à precariedade do material de escrita (isto é, a carteira de cigarros vazia e o fósforo riscado). A poesia do cárcere é inseparável de suas condições materiais de produção. Nesse sentido, há poemas grafados em papéis de pão⁶, em paredes de celas, no verso de maços de cigarro...

Trarei apenas dois exemplos a respeito da precariedade dos suportes de inscrição: o caso de Pedro Tierra e o de João Suzuki. As duas citações longas a seguir apontam para a complexidade que envolve o processo de construção e circulação dessa poesia.

No começo, era muito difícil para Hamilton Pereira [da Silva] (Pedro Tierra) escrever na cadeia. Além de toda a violência da prisão – não só física, mas também psicológica – não havia lápis nem papel. “No intervalo de um interrogatório, me deixaram sozinho na sala. Vi que havia um lápis numa mesa. Guardei-o comigo e o levei para a cela. Com ele escrevi meus primeiros poemas na prisão, em papel de maço de cigarros”. [...] Começou então uma produção literária que se prolongou por todo o período em que Hamilton Pereira esteve preso. [...] Nos tempos de prisão não foi fácil fazer os primeiros poemas saírem da cadeia. Primeiro, Hamilton tentou remeter os poemas para seus familiares e amigos por meio de cartas, mas como estas eram submetidas a censura antes de serem enviadas, os poemas acabavam não chegando a seus destinatários. Bolou então um estratagemma. Nas cartas, dizia que havia lido em alguns livros que existiam na prisão certos poemas de um autor chamado Pedro Tierra – provavelmente latino-americano –, dos quais gostara muito, e os reproduzia nas cartas. Nascia assim o pseudônimo com que assinaria os poemas e o livro que primeiro os reuniria, publicado quando o autor ainda estava preso: *Poemas do povo da noite*. Depois, foi necessário outro expediente para enviar os poemas para fora da prisão: escrevia-os em papel de maços de cigarros que eram colocados dentro de canetas, junto com a carga [sendo levadas pelo advogado Luiz Eduardo Greenhalgh] [...]. Greenhalgh lembra que quando retirava das canetas os pedaços de papel nos quais estavam escritos os poemas, sua esposa passava-os com ferro de engomar para que ficassem planos, e depois datilografava as poesias. (MAUÉS, 2005, p. 264-265)

O editorial da edição 27 da revista *Teoria e Debate* estabelece uma poesia que foi grafada por João Suzuki ([1969] 1995) nas paredes da Oban, em 1969. Para tanto, o autor utilizou fósforos queimados: “Uma multidão de crianças/ que só queriam brincar portando espadas de papel/ perdeu-se no tempo”.

⁶ “Numa tarde (em uma só) no Cárcere Central de Montevideu, num *papel de pão escrevi três poemas*, um em seguida ao outro. Era o dia 27 de novembro de 1977”: “[...] hoje sou o que penso/ que teria sido/ se houvesse vivido o que pensei ser,/ não o que fui./ Hoje não estou preso/ nem derrotado, nem sozinho./ Na minha parede não há grades/ e não há paredes no meu mundo./ Hoje sou o que penso ser,/ não o que sou. [...]” (TAVARES, [1977] 2012, s/p. [ebook]).

Jogado numa cela da Oban, o pintor [João Suzuki] lá encontrou um grupo de jovens militantes, cujas idades variavam entre 17 e 25 anos. Suzuki pouco se comunicou com qualquer um deles. Na situação em que fora colocado, tudo devia lhe parecer uma alucinação. Assim, numa manhã, os presos ao acordarem depararam com uma inscrição feita por Suzuki na parede da cela, usando pontas de fósforos queimados. Alguns presos gravaram de memória o texto. (TEORIA E DEBATE, 1994, s/p.)

Caso assumam a forma unitária de um livro, geralmente feito em brochuras caseiras, mimeografados ou impressos em pequenas gráficas (incluindo as “edições do autor”), os poemas do cárcere também não se inscrevem no circuito tradicional “autor-editora-livraria-público”. Além disso, mesmo “quando publicados por pequenas editoras, [eles] esbarram no problema da distribuição e no risco de se vender tal material em plena censura” (JUTGLA, 2015, p. 396).

Os raros livros de poesia incluídos nas listas sobre a literatura de testemunho da e sobre a ditadura têm o estatuto de exceção.

Em sua tese, Janaína Teles de Almeida (2011) apresenta uma extensa “bibliografia da literatura de testemunho”. A autora busca prolongar a lista estabelecida por Marcelo Ridenti (2010) na segunda edição de *O fantasma da revolução brasileira*. Teles cita três livros de poesia: *Inventário de Cicatrizes* (1978) e *Camarim de Prisioneiro* (1980), de Alex Polari; e *Poemas do povo da noite*, de Pedro Tierra (1979). Mariluci Cardoso de Vargas (2018) continuou o projeto de compilação dessas produções testemunhais. Na seção “livros de conteúdo testemunhal da ditadura civil-militar brasileira”, é incluído *Inventário do Medo*, de Lara de Lemos (1997). Em outra parte, destinada às cartas, poemas e peças teatrais, são indicados mais quatro livros de poemas. Além dos três livros já mencionados por Teles, a autora cita *Entremelamento: um livro de muitas vidas*, de Wilma Ary (1998). Apesar de ser citada em duas grandes recensões sobre a “literatura de testemunho” (ou “livros de conteúdo testemunhal”) da ditadura, é notável que a poesia tem um espaço marginal frente a outras produções em prosa, como as biografias, as memórias e os romances.

Como prolongamento desse esforço de sistematização, proponho a seguinte relação de livros e autores, organizados em ordem cronológica, segundo a data de primeira publicação no Brasil (com exceção de Paulo Fonteles, que nunca foi publicado no país). Por uma questão de espaço e escopo, não comentaremos todas as obras listadas, mas sim o critério de inclusão. Além dos cinco títulos indicados anteriormente por Teles e Vargas, adicionamos outros quinze (em negrito). Trata-se de uma pequena listagem não-totalizante, obviamente, aberta a revisões e releituras. A título de observação, outras obras dos autores aqui mencionados poderiam ser incluídas nessa listagem, como o livro *Dies Irae: Oito testemunhos indignados e uma ressurreição*, de Pedro Tierra (1999), que apresenta o poema “Carandiru: Pavilhão 111” escrito em homenagem aos 111 mortos no massacre iniciado no Pavilhão 9 desse presídio.

Daremos relevo a um conjunto de poetas que não foi incluído em nenhuma das recensões anteriores: os presos políticos do Nordeste, como Marcelo Mário de Melo, Oswald Barroso, Aybirê Ferreira de Sá e Maria Celeste Vidal.

1. *Inventário de cicatrizes* – Alex Polari (1978)
2. *Poemas do povo da noite* – Pedro Tierra ([1975] 1979)⁷
3. ***Poemas do cárcere e da liberdade* – Oswald Barroso (1979 [edição do autor])⁸**
4. ***Poemas da greve de fome & 10 textos de Itamaracá* – Marcelo Mário de Melo (1979 [edição do autor])⁹**
5. ***Os quatro pés da mesa posta (Poesia-Prisão-Política)* – Marcelo Mário de Melo (1980 [edição do autor])**
6. *Camarim de prisioneiro* – Alex Polari (1980)
7. ***Poesia na prisão* – coletânea organizada por Neila Tavares (1980)¹⁰**
8. ***Versos reprimidos: antes e depois da anistia* – Aybirê Ferreira de Sá (1981 [edição do autor])¹¹**
9. *Adaga lavrada* – Lara de Lemos (1981)¹²
10. *Água de rebelião* – Pedro Tierra (1983)¹³
11. ***Versos da arte de falar bem e mal* – William da Silva Lima (1993)¹⁴**
12. ***Metade sol metade sombra* – Maria Celeste Vidal (1994)¹⁵**
13. *Inventário do medo* – Lara de Lemos (1997)

⁷ A primeira edição dos poemas de Pedro Tierra (em versão artesanal e não-comercial) foi feita provavelmente em 1975. Ela “teve circulação reduzida e semiclandestina, xerocada ou mimeografada e distribuída de mão em mão” (MAUÉS, 2005, p. 266). Em 1977, grande parte dos poemas desse livro foi publicada na Itália, sob o título *Le parole sepolte fioriranno: i canti della resistenza brasiliana*. A primeira edição integral e comercial saiu na Espanha, em 1978, como *Poemas del pueblo de la noche*. No Brasil, a editora Livramento foi a responsável pela primeira publicação de *Poemas do povo da noite*, no ano de 1979.

⁸ O livro é mencionado na tese de doutorado *Pavilhão Sete: experiência dos militantes da esquerda armada nos cárceres cearenses (1971-1979)*, de José Airton de Farias (2018). O autor disponibiliza alguns de seus poemas em sua página pessoal na internet: <http://oswaldbarroso.com/poesia-2/>.

⁹ Cf. também os seguintes livros: *Os colares e as contas: poemas políticos* (2012) e *Manifesto da esquerda vicejante e mais textos e poemas* (2005).

¹⁰ Coletânea citada por Hollanda (1981).

¹¹ Poeta de Moreno (PE) ligado à militância camponesa. Em 1981, compilou um conjunto de poemas escritos no cárcere político e em liberdade.

¹² Cinara Ferreira (2017, s/p. [ebook]), organizadora da *Obra completa* de Lara de Lemos, afirma que a poeta “dá forma estética à experiência da prisão especialmente em *Adaga lavrada* (1981) e em *inventário do medo* (1997). Por esse motivo, incluímos a primeira obra em nossa recensão.

¹³ Publicado pela editora Vozes. Trata-se de uma reunião dos últimos poemas da prisão e os primeiros da liberdade.

¹⁴ Elizabeth Sússekkind (2014) comenta os casos de André Borges e William da Silva Lima, apresentando alguns poemas manuscritos inéditos deste. Cf. também a narrativa autobiográfica em prosa, *Quatrocentos contra Um*, em que o autor cita um poema feito para a sua filha.

¹⁵ Poeta vinculada às ligas camponesas de Pernambuco. Publicou diversos livros e cordéis, como *Bandeira a meio pau e versos de viola* (1977), *Metade sol metade sombra* (1994) e *Literatura de cordel* (s/d.). Thayana de Oliveira Santos (2016) comenta que foi no livro *Metade sol metade sombra* que Vidal “publicou o poema [‘Raio Leste’] sobre a sua experiência na Casa de Detenção do Recife”. Santos justapõe o poema “Raio Leste” de Vidal ao de uma detenta do mesmo presídio, Graziela Melo, que também lançou um livro: *Crônica, contos e poemas* (2008).

14. *Entremelamentos: um livro de muitas vidas* – Wilma Ary (1998)¹⁶
15. *Wenn der Tod sich nähert, nur ein Atemzug (bilingue)* – Paulo César Fonteles de Lima (2006)¹⁷
16. *Poemas (quebrados) do cárcere* – Gilney Viana (2011)
17. *Eterno amanhã: poemas da prisão* – André Borges (2011)
18. *A palavra contra o muro* – Pedro Tierra (2013 [edição bilingue])¹⁸
19. *Cárceres da memória (1970-1980)*, de Chico de Assis (2017 [edição do autor])
20. *Poetas da dura noite* – coletânea organizada por Raul Ellwanger (2019)¹⁹

Salvo exceção, esse pequeno conjunto de nomes próprios e obras quase nunca foi objeto de um trabalho acadêmico e não entrou para as recensões da literatura testemunhal. Essa lacuna merece ser pensada em seu aspecto estrutural. Se um breve percurso pelos ecos do cárcere já nos indica um campo quase inexplorado, tais escritos podem ser compreendidos como aquilo que, por definição, escapa ao enquadramento.

3 A POESIA DE CÁRCERE E A IMPRENSA DE RESISTÊNCIA

A produção poética dos presos políticos é estruturada por seus diferentes meios de difusão. Por razões de espaço e pela extensão do material ligado à imprensa, limitaremos nosso debate ao processo de construção do primeiro livro listado no tópico anterior: *Inventário de cicatrizes* (1978).

A edição de poemas em revistas e jornais literários de resistência no Brasil ou no exterior, assim como a produção e distribuição de poemas (ou folhetos) mimeografados, não era uma prática incomum na época. A quarta capa de *Inventário de cicatrizes* já indica que as “poesias de Alex [...] foram objeto de ampla divulgação dentro e fora do país”, enumerando os lugares onde sua poesia circulou antes de ser publicada na “forma unitária de um livro”. De forma condensada, a poesia de Alex Polari circulou, entre os anos de 1976 e 1978, nos seguintes jornais, revistas e suplementos literários: (a) – Poesias publicadas e distribuídas nas manifestações estudantis de 1976 e 1977 (Brasil); (b) – Jornal *Flagrante* (Brasil); (c) – Jornal *Rua da emancipação* (Brasil); **(d) – Outras revistas (Brasil)**; (e) – Tradução pela Anistia Internacional (Suécia); (f) – Revista de exilados chilenos (Estocolmo); (g) – Coletânea de escritos de presos políticos brasileiros (França); **(h) – Revista *Cadernos do Terceiro Mundo* (Portugal)**; e (i) –

¹⁶ Na apresentação do livro, Alípio Freire (1998, p. XIX) comenta o impacto da prisão na vida pessoal da autora. Assim como Lara de Lemos, e a despeito do fato de não se tratar de poemas estritamente feitos na prisão, mantivemos as inclusões anteriormente estabelecidas por Vargas (2018).

¹⁷ Sobre a poética do autor e o seu percurso editorial, cf. o ensaio de apresentação da publicação bilingue de 2006, de Steven Uhly.

¹⁸ A primeira edição alemã, intitulada *Zeit der Widrigkeiten*, foi publicada em 1990 pela Edition Diá. A versão bilingue, de 2013, saiu pela Geração Editorial.

¹⁹ Apesar de não ser exclusivamente dedicado à poesia produzida no cárcere, essa coletânea apresenta diversos autores que produziram poemas na prisão.

Poesias mimeografadas e distribuídas em meios universitários (Itália e Alemanha). Até o presente momento da pesquisa, não tivemos acesso aos itens (a), (b), (c), (e), (f), (g) e (i).

(d) No que se refere às publicações de Alex Polari no Brasil, encontramos apenas um caso: o suplemento literário do jornal *Tribuna*, datado de 25-26 de junho de 1977.²⁰ O poema apresentado na matéria, “O dia da partida”, foi publicado no primeiro livro de Alex Polari (1978, p. 16) com uma pequena variação no título (“Dia da partida”). Nessa publicação, é notável que, além do nome do poeta ser assinado apenas como “ALEX” (sem o sobrenome), o título do livro *Inventário de cicatrizes* já estava, então, definido.

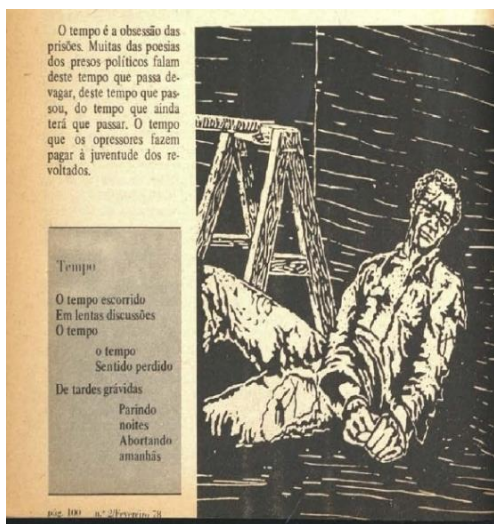
(h) Entre as publicações no exterior, tivemos acesso apenas a uma tradução de sua poesia para o inglês posterior à *Inventário de cicatrizes* (julho de 1979)²¹ e a uma matéria dedicada à arte dos presos políticos brasileiros na versão portuguesa dos *Cadernos do Terceiro Mundo*, escrita por Marcelo Dias e publicada em fevereiro de 1978.

No caso da edição portuguesa dos *Cadernos do Terceiro Mundo* (n. 2, de fevereiro de 1978), todos os dez poemas (e imagens) atribuídos aos presos brasileiros são, por razões políticas, anônimos. Marcelo Dias apresenta e comenta, tematicamente, cada um. Na abertura da matéria, ele escreve: “Sobreviver e criar artisticamente nas prisões da ditadura é uma suprema forma de resistência. Entre os presos políticos brasileiros despontam novos artistas cuja obra um dia será conhecida e admirada. Hoje, porém, ela é anônima e colectiva. É uma arma nas mãos de todos os presos, artistas ou não” (DIAS, 1978 p. 97, grifo nosso). Esse processo de “apagamento” da autoria²² também ocorreu no corpo das imagens publicadas na revista, sendo notável não apenas a supressão do “nome do autor”, mas também de quaisquer marcas que façam referência ao local onde as imagens foram produzidas.

²⁰ Esse mesmo jornal faria uma série de publicações de poemas escritos por presos políticos no ano de 1979, em consonância com as Greves de Fome pela Anistia que ocorriam em diferentes presídios do país. No final de uma matéria dedicada a Alex Polari, o jornal anunciou: “no meio deste clima, há lugar também para a poesia, como se pode ver nos poemas de Alex Polari, Paulo Henrique, Manoel Henrique, André Borges, Inês Etienne Romeu, e outros que o [Suplemento da Tribuna] publicará semanalmente: até o dia em que possa publicar a notícia de sua libertação” (TRIBUNA DA IMPRENSA, [22 de julho 1979], p. 20). Nessa época, o suplemento da Tribuna publicou poemas de Pedro Tierra, Alex Polari, Manoel Henrique Ferreira, Paulo Henrique de Oliveira da Rocha Lins, André Borges, Alberto Vinicius Melo do Nascimento, Marcelo Mário de Melo e uma série poética “Visitação à greve de fome” da jornalista Ramayana Vargens (TRIBUNA DA IMPRENSA, [1 e 2 de setembro de] 1979, p. 20).

²¹ *Prison poems* é uma tradução de dois poemas de *Inventário de cicatrizes* editada pelo jornal *Index of Censorship* e datada de 1º de julho de 1979: “Recordações do Paraíso” (“Memories of paradise”) e “Os primeiros tempos da tortura” (“The early days of torture”) (POLARI, 1979, p. 12). A minibiografia que abre o texto, por sua vez, confirma a existência de publicações em outros países: “Alex Polari’s prison poems were published in Brazil in 1978 by the Comitê Brasileiro Pela Anistia. They have also appeared in Sweden, France, Italy, and Portugal. This is their first publication in English” (POLARI, 1979, p. 11).

²² O processo de “apagamento” da autoria não era incomum. Os versos iniciais do poema “Cultivarei o chão da manha”, de Pedro Tierra, costumavam figurar, sem as marcas de autoria, em diversos cartões-postais de presos políticos nos fundos documentais do Comitê Brasileiro pela Anistia. Processo semelhante de coletivização da autoria também pode ser lido na tese de Süsskind (2014) a respeito do poema “O regresso”, de André Borges.



Autor: Arthur Scavone
Xilografia
Local: Presídio Romão Gomes (Barro Branco). Data: 1976

Fonte: À esquerda: Xilografia anônima. “A arte dos presos políticos” (DIAS, 1978, p. 100). À direita: “Autor: Arthur Scavone. Xilografia. Local: Presídio Romão Gomes (Barro Branco). Data: 1976” (FREIRE, 2000, p. 205).

Diferentemente das imagens que foram publicadas em trabalhos posteriores e que são passíveis de uma “restituição” da autoria, nenhum dos poemas dos *Cadernos do Terveiro Mundo* foi editado em qualquer outro lugar. Assim, a autoria do poeta brasileiro é apenas suposta pela indicação da quarta-capa de *Inventário de cicatrizes*. Ainda que fosse possível “inferir” que Alex Polari é o autor de um ou mais entre os dez poemas, essa é uma questão secundária, e a matéria aludida pela quarta-capa deve ser lida em seu radical “anonimato”. O apagamento da autoria, como forma de proteger o(s) poeta(s) de coerções, ocorre também no já referido suplemento do jornal *Tribuna* (1977), no qual o poema de *Inventário de cicatrizes* é assinado apenas como “ALEX”.

Como forma de resistência à “política do silêncio”, à censura e à repressão ditatoriais, três formas específicas de autoria (a pseudonímia, a assinatura anônima e a coletiva) devem ser consideradas em qualquer trabalho sobre a poesia dos presos políticos. Uma incursão pela imprensa de resistência desvela que não é somente o conceito de autoria que é problemático, mas a própria delimitação do *corpus* a partir do formato “unitário” dos livros. A lista do tópico anterior representa apenas uma parte dessa vasta produção, disseminada em diferentes meios, entre os quais o arquivo.

4 A POESIA DOS PRESOS POLÍTICOS E O ARQUIVO

Além da imprensa de resistência, outras fontes podem apresentar um ou mais poemas do gênero. Assinalamos as biografias e os livros de memórias, assim como as publicações de movimentos sociais ou políticos em prol dos direitos humanos.²³ Tanto nesses livros quanto nos diferentes fundos documentais

²³ Cf. *Condições ideais para o amor: poemas, manifestos e correspondência de um poeta-guerrilheiro*, de Luiz Eurico Tejera Lisboa (1993), *Estilhaços: em tempos de luta contra a ditadura*, de Loreta Valadares (2015), *No corpo e na alma*, de Derlei Catarina de Luca (2002), e *Memórias de um esquecimento*, de Flávio Tavares (1999). Cf. também o volume *As gerações futuras: poesias inéditas de Emmanuel Bezerra*

ligados à memória da ditadura, há certas especificidades que não poderiam ser dimensionadas em recensões atreladas às noções de autor e obra, como o poema anônimo “Pela paz”, de R.N.M., ou o poema de autoria coletiva “Aos amigos do ‘cordão encarnado’”, “Presídio do Cambuci – 13/12/75”.²⁴ Esse campo apresenta ainda poemas em materialidades diferentes do formato “livro”. Os fundos documentais do Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA-AEL) são um índice da pluralidade e da heterogeneidade dos suportes de inscrição e circulação dessa poesia, como o cartaz da Greve de Fome do Presídio Frei Caneca (“É penoso”, escrito por José Roberto Gonçalves de Rezende) (CIPRIANO; VIANA, 1992, p. 254); o convite para o congresso nacional pela anistia (“Cultivarei o chão da manhã”, de Pedro Terra); e a numerosa série de poemas em cartões-postais feitos no interior de diversos presídios brasileiros.

Nos diversos arquivos da e sobre a ditadura (CBA-AEL, Arquivo Nacional, Biblioteca Brasil: Nunca Mais, Comissão Nacional da Verdade etc.), podemos nos deparar com um amplo campo de poemas, como ocorre em “O preso”, atribuído a “João Scuro” (DEOPS/SP – difusão Cisa-RJ)²⁵, ou com as duas versões (CBA e CNV) de “Pedaços da minha vida II”, de José Emilson Ribeiro da Silva (nunca antes publicado, o poema foi anexado à Comissão da Verdade do Estado de Pernambuco como atestado da prática da violência – tortura – sofrida pelo poeta).

Assim, o funcionamento da autoria está intimamente ligado ao problema do arquivo. Entre os diversos campos de documentos (digitais) sobre a ditadura pesquisados, as pastas do CBA-AEL possuem uma série de documentos (série II) voltada aos episódios de repressão política que incorreram em *prisões, mortes, desaparecimentos e exílio*. Dentro dessa série, há uma subsérie intitulada “produção do preso”, que é dividida em a) documentos de “caráter mais confidencial”, como cartas e cartões de natal (subitem 1 da pasta 042 CBA-AEL) e b) “produções de caráter literário: poesias, prosas etc.” (subitem 2 da pasta 042 CBA-AEL).

A pasta 042 do CBA-AEL²⁶ reúne duas produções poéticas que permanecem inéditas: *Ecos do Cárcere*, de José Emilson Ribeiro da Silva ([1978], p. 85-177 da pasta 42), e um conjunto (sem-título) de

dos Santos, organizado por Ponto de Cultura Tecido Cultural e Equipe CENARTE/CDHMP (2010). Dentro desse volume, interessa-nos, particularmente, o poema-anexo “Às gerações futuras”, escrito na Base Naval de Natal em 1969.

²⁴ Cf. o primeiro poema pode ser lido no livro *Gritos de Justiça*, de Mário Simas (1986). O segundo (assinado coletivamente) se encontra no livro *A sangue quente: a morte do jornalista Vladimir Herzog*, de Hamilton Almeida Filho (1978). Ambos estão vinculados à biblioteca digital do Projeto Brasil Nunca Mais. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/bibliotbnm/20124>>; <<http://www.docvirt.com/docreader.net/bibliotbnm/17550>>. Acesso em 31 jul. 2020

²⁵ Disponível em: <http://www.docvirt.com/docreader.net/bmn_arquivonacional/18855>. Acesso em 31 jul. 2020.

²⁶ Apesar de ter uma pasta destinada à produção dos presos políticos, um percurso pelas outras 69 pastas desse campo documental mostra que podemos encontrar poesia lá onde não se espera. Nesse campo, há um conjunto de escritos (em dicções diversas) sobre a luta pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita, como o “Folheto do C.B.A” de Aybirê Ferreira de Sá (1979) [Pasta 004 – núcleo regional do CBA, Pernambuco], o “Cordel pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita” de Paulo Texeira de Sá [pasta 050] ou o cordel mimeografado “O homem que fugiu da anistia” de “Marcus” (pseudônimo de preso político,

23 poemas de Pinheiro Salles. Ao lado dessas produções, a pasta apresenta ainda uma série de poemas datilografados ou manuscritos de diferentes presos políticos, incluindo: uma correspondência de Marcelo Mário de Mello a Ruth Escobar, enviando dois poemas datilografados (“Não devem sofrer” e “A argila e a pedra”) com pedido de edição de seu livro de poesia; três poemas datiloscritos de Aybirê Ferreira de Sá (“Apelo à mãe”, “Noites no calabouço” e “A saudade do prisioneiro”, 1973) que, posteriormente, foram editados pelo autor no livro *Versos reprimidos: antes e depois da Anistia*; um poema (“Dia”) de Maria Cristina Ferreira de Oliveira; dois poemas anônimos, “Meu coração ateu” (poema/diário de 4 páginas manuscritas) e “Na cela” (datiloscrito); por fim, um poema inacabado (“Do ventre fecundo”) de Pedro Tierra.

Ao ser justaposta a “documentos de caráter mais confidencial” como as cartas, a “produção literária” se inscreve, no arquivo, a partir de um jogo tenso e contraditório entre aquilo que acopla e reúne os materiais dispersos no mesmo espaço e aquilo que aparta, desde uma linha divisória invisível, o confidencial e o poético. Essa divisão é escutada por nós como uma tensão entre o privado e o coletivo, como bem demarcou Hollanda no artigo de 1981.

Do ponto de vista da circulação da poesia nos fundos documentais ligados à memória sobre a ditadura, o arquivo é o espaço de uma profusão poético-testemunhal que dificulta o emprego irrestrito de noções como autoria, livro e obra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como uma espécie de guia para os pesquisadores interessados na temática, nosso objetivo foi recensear uma amostragem significativa de elaborações poéticas escritas pelos presos políticos da ditadura, situando o campo de impasses que esse *corpus* diretamente relacionado à experiência do encarceramento arbitrário condensa e encena, como o próprio par autor e obra. Por se tratar de um esforço de sistematização dessa produção, o presente artigo é de natureza descritiva e não visou uma análise (estética ou sociológica) dos autores, das obras ou dos poemas mencionados.

Todo esforço de reunir, classificar e inventariar é suscetível de apagamentos e equívocos. A ênfase na poesia de resistência escrita pelos presos políticos se avizinha de outros grupos, que merecem ser recenseados e discutidos em trabalhos posteriores. Indicaremos quatro: os poemas vinculados à campanha e luta pela “Anistia Ampla, Geral e Irrestrita”²⁷; a produção poética dos exilados; a produção

pasta 017). Além disso, chamamos a atenção para as versões de um poema manuscrito assinado por Norma Pereira, Rosalice Magaldi Fernandes e Jessie Jane Vieira de Sousa, presas políticas de Bangu (pasta 043b, p. 34/ reeditado em pasta 067, p. 34).

²⁷ Acrescentamos um exemplo pontual: as *Primeiras Cantigas do Araguaia*. Assinada pelo pseudônimo/autor coletivo Libério de Campos, a obra consiste em um conjunto de poemas provavelmente feitos pelos guerrilheiros do Araguaia e reunidos “em um livreto datilografado e numerado [...], [que] teve sua impressão a cargo do Centro Mineiro de Cultura Popular, no ano de 1980” (DOLHNIKOFF, 2014, s/p.). Em seu prólogo, é possível ler uma relação de aliança entre o Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA) e os familiares de mortos e desaparecidos.

poética de advogados de presos políticos²⁸; e os poemas ligadas aos familiares e amigos de presos e desaparecidos²⁹.

Para concluir, alçaremos uma advertência de Alex Polari ao seu estatuto de paradigma. Em uma carta destinada ao ato de lançamento de *Inventário de cicatrizes*, ele escreve:

Esses poemas são, em certa medida, vômitos. Evocam clandestinidade, a tortura, a morte e a prisão. Tudo, absolutamente tudo neles, é vivência real, daí serem diretos e descritivos. Servem também para reter uma memória essencial, de outra maneira fadada a se diluir. Por via das dúvidas fica registrado na forma de poema. Se eles não estão fadados a entrar na História – seja da Literatura ou de outras – como é quase certo, que entrem para a Geografia. Uma geografia muito especial de muros, prisões, ilhas de silêncio, uma geografia de cadáveres jogados ao mar, em covas rasas, dos quais possivelmente nunca teremos mapa, apenas indícios. Outros depois de nós talvez procurando tesouros no fundo do mar em vez de darem com velhos galeões naufragados, deparem-se com os mortos de nossa geração. (POLARI, 1980, p. 48)

A poesia que resta, feita no cárcere ou não, traz consigo as marcas indeléveis do horror experienciado nos porões da ditadura. A poesia dos presos é uma trincheira de papel a condensar e encenar o rumor da língua (poética), os ruídos dos corpos massacrados pelo poder. “À primeira vista, nada parece mais frágil do que uma trincheira de papel. Sem dúvida, nada há de mais perdurável. Quando a escritura é um ato de resistência, as palavras permanecem mais além do que os carrascos” (ALZUGARAT, 2007, p. 5, tradução nossa). Como adverte Alex Polari, a poesia aqui listada, provavelmente, não entrará para história. Se este artigo não pode se tornar uma cartografia da poesia dos presos políticos, que, ao menos, ele seja um indício de sua (re)existência.

6 REFERÊNCIAS

ALEX POLARI. *O Pasquim* [Ano 1982/ Edição 00687 (2)]. p. 8-10. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/124745/25341>. Acesso em 29 mar. 2020.

ALZUGARAT, Alfredo. *Trincheras de papel: Dictadura y literatura carcelaria en Uruguay*. Montevideo: Trilce, 2007.

FARIAS, José Airton de. *Pavilhão Sete: experiências dos militantes de esquerda armada nos cárceres cearenses (1971-79)*. Tese (Doutorado em História). Niterói: UFF, 2018.

FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.

²⁸ Tanto Maria Celeste Vidal quanto Aybirê Ferreira de Sá escreveram um poema para a advogada Mércia de Albuquerque, respectivamente intitulados “Meu sonho é maior que a vida” e “Agradecimento e homenagem a Dra. Mércia Albuquerque”. Albuquerque, em seu turno, teve alguns de seus poemas (do Diário Inédito) publicados virtualmente. Em muitos deles, a prisão e o corpo dos militantes é o tema central, como em “21.07.1974”.

²⁹ Cf. os poemas “Os martírios de um erói” [sic.], de João Ninguém (pseudônimo de Edyla Mangabeira Unger em homenagem a Stuart Angel), e “Ouvi gritos de noite”, de José Ricardo Coimbra Novaes, filho de ex-presos políticos torturados pelo DOI-CODI/RJ em 1970.

FRANCO, Renato. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória e literatura*. Campinas: Unicamp, 2003. p. 351-370.

FREIRE, Alípio. Apresentação: a jovem dama in/digna. In: ARY, Wilma. *Entremelamento: um livro de muitas vidas*. São Paulo: CERED, 1998. p. V-XXI.

FREIRE, Alípio. Um acervo de imagens dos presídios políticos: o cotidiano através das artes plásticas. *Proj. História*, São Paulo, n. 21, p. 183-223, 2000.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. “Um eu encoberto”. *Jornal do Brasil*, 1981, p. 10 [Caderno B].

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. A luta dos sufocados e o prazer dos retornados. *Jornal do Brasil*, 1982, p. 10 [Caderno B].

JUTGLA, Cristiano Augusto da Silva. Poesia de resistência e a luta por Direitos Humanos. *Via Atlântica* (USP), v. 28, p. 395-412, 2015.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Três poetas da resistência à ditadura civil-militar. In: PIRES, Antônio Donizeti; SALGUEIRO, Wilberth; JUTGLA, Cristiano Augusto da Silva. *Na fronteira do poético: lírica, narrativa e drama*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. p. 87-100.

MAUÉS, Flamarion. “Ter simplesmente este livro nas mãos é já um desafio”: livros de oposição no regime militar, um estudo de caso. *Em questão*, UFRGS, v. 11, n. 2, 2005. p. 259-279.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Vozes marginais na literatura*. São Paulo: Aeroplano, 2009.

RIBEIRO, Flávia Maria Franchini. *A subida do monte purgatório: estudo da experiência dos presos políticos da Penitenciária Regional de Linhares (1969-1972)*. Dissertação (Mestrado em História, Cultura e Poder). Juiz de Fora: UFJF, 2007.

RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: UNESP, 2010.
RODRIGUES, Leandro Garcia. Tito de Alencar Lima: poesia, trauma e testemunho. *Todas as musas*, ano 7, n. 1, 2015, p. 88-108.

SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André du Rap). *Matraga*, v. 19, p. 284-303, 2012.

SALGUEIRO, Wilberth. Trauma e resistência na poesia de testemunho do Brasil contemporâneo. *MOARA*, v. 44, p. 120-139, 2015.

SANTOS, Thayana de Oliveira. *As mulheres do Raio Leste: as presas políticas da Casa de Detenção do Recife (1964-1967)*. Dissertação (Mestrado em História). Recife: UFP, 2016.

SANTOS, Vitor Cei. Poesia marginal: lírica e sociedade em tempos de autoritarismo. *Literatura e Autoritarismo* (UFSM), v. 16, p. 85-95, 2010.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. *Os escritores da guerrilha urbana: Literatura de testemunho, ambivalência e transição política (1977-1984)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.

SÜSSEKIND, Elizabeth. *Estratégias de sobrevivência e de convivência nas prisões do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais). Rio de Janeiro: CPDOC, 2014.

TELES, Janaína de Almeida. *Memórias dos cárceres da ditadura: os testemunhos e as lutas dos presos políticos no Brasil*. Tese (Doutorado) em História Social. São Paulo: USP, 2011.

UHLY, Steven. Paulo César Fonteles de Lima: Poesia e Ditadura. *Literatura e Autoritarismo*, v. 9 (1), s/p., 2006.

VARGAS, Mariluci Cardoso de. *O testemunho e suas formas: historiografia, literatura, documentário (Brasil, 1964-2017)*. Tese (Doutorado em História). Porto Alegre: UFRGS, 2018.

VIEIRA, Beatriz de Moraes. *A palavra perplexa: experiência histórica e poesia no Brasil nos anos 70*. Tese (Doutorado em História Social). Niterói: UFF, 2007.

VIEIRA, Beatriz de Moraes. As ciladas do trauma: consideração sobre história e poesia nos anos 1970. In: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (Org.). *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 9-12.

6.1 OS POETAS

ALEX. O dia da partida. In: *Tribuna da Imprensa (RJ) (1970 a 1979)* [Ano 1977/Edição 08485 (1)]. 25-26 de junho de 1977. p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/154083_03/27923. Acesso 29 mar. 2020.

AMADO, JANAÍNA. *Jacinta Passos, coração militante: obra completa: poesia e prosa, biografia, fortuna crítica*. Salvador: EDUFBA, 2010.

ARY, Wilma. *Entremelamento: um livro de muitas vidas*. São Paulo: CERED, 1998.

ASSIS, Chico de. *Cárceres da memória: 1970-1980*. s/l.: Edição do autor, 2017.

BARROSO, Oswald. *Poemas do cárcere e da liberdade*. Fortaleza: Edições Multirões do Povo [Série Poesia], 1979.

BORGES, André. *Eterno amanhã: poemas da prisão*. Rio de Janeiro: Debret, 2001.

CAMPOS, Libério de. *Primeiras cantigas do Araguaia*. Homenagem ao 2º aniversário da resistência armada das forças guerrilheiras do Araguaia. Familiares de Mortos e Desaparecidos na Guerrilha do Araguaia/Comitê Brasileiro pela Anistia (RJ/MG). Impressão: Centro Minério de Cultura Popular. Julho de 1980. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/BibliotBNM/20986>>. Acesso 29 mar. 2020.

CBA/PRODUÇÃO DE PRESOS POLÍTICOS. Pasta 042 (Presos políticos/ produção do preso/ documentação) dos Fundos documentais do COMITÊ BRASILEIRO PELA ANISTIA. AEL Digit@l (Arquivo Edgard Leurenroth-Unicamp). 223 p.

DIAS, Marcelo (Org.). A arte dos presos políticos. In: *Cadernos do Terceiro Mundo* [Portugal], n. 2, p. 97-103, fev. 1978. Disponível em:

<http://repositorio.im.ufrj.br/visual/pubs/43957464888119177109322782349045598846/#page/99/mode/2up>. Acesso 29 mar. 2020.

ELLWANGER, Raul (Org.). *Poetas da dura noite*. Porto Alegre: Comitê Carlos de Ré da Verdade e Justiça do Rio Grande do Sul.

FERREIRA, Cinara (Org.). *Lara de Lemos: poesia completa*. Porto Alegre: EDIPUCRS/Movimento, 2017.

FREIRE, Alípio. *Estação paraíso*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FONTELES [de Lima], Paulo César. *Wenn der Tod sich nähert, nur ein Atemzug* [Übersetzung: Zweisprachig portugiesisch/ deutsch. Herausgegeben und aus dem Portugiesischen übertragen sowie mit einem Vorwort versehen von Steven Uhly]. Berlin: Matthes & Seitz Berlin, 2006.

GULLAR, Ferreira. *Dentro da noite veloz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LIMA, William da Silva. *Versos da arte de falar bem e mal*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1993.

MELO, Graziela. *Crônica, contos e poemas*. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2008.

MELO, Marcelo Mário. *Os quatro pés da mesa posta (poesia-prisão-política)*. Itamaracá: Edições Pirata/Geração 65, 1980.

MELO, Marcelo Mário. *Poemas da greve de fome & 10 textos de Itamaracá*. s/l. [1979?]. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/BibliotBNM/20939>>. Acesso 29 mar. 2020.

MELLO, Thiago de. *A canção do amor armado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

POLARI, Alex. *Camarim de prisioneiro*. São Paulo: Global Editora: 1980. [Coleção poesia necessária n. 1].

POLARI, Alex. *Inventário de Cicatrizes*. Rio de Janeiro/São Paulo: CBA/Ruth Escobar, 1978.

POLARI, Alex. Prison poems. *Index of Censorship*, p. 11-12, 1 de julho de 1979. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1080/03064227908532939>>. Acesso 29 mar. 2020.

PONTO DE CULTURA TECIDO CULTURAL/EQUIPE CENARTE/CDHMP. *Às gerações Futuras: Poesias Inéditas de Emmanuel Bezerra dos Santos*. Natal: DHnet, 2010. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/dados/poesias/livro.pdf>>. Acesso em 31 jul. 2020.

REZENDE, José Roberto Gonçalves. “É penoso”. In: CIPRIANO, Perly; VIANA, Gilney. *Fome de liberdade: a luta dos presos políticos pela anistia*. Vitória: s./n., 1992. p. 254.

SÁ, Aybirê Ferreira. *Versos reprimidos: antes e depois da anistia*. Recife: Edição do autor, 1981.

SILVA, José Emilson da. *Pedaços da minha vida II*. Disponível em: <https://www.comissaodaverdade.pe.gov.br/uploads/r/arquivo-publico-estadual-jordao-emerenciano/f/4/8/f48383d4c1b13cf27649a820b779c2e861841af37457a1a4b930e8a027070fe1/006101bb-e492-4750-b8d9-76ea7fd193f1-Jose_Emilson_Ribeiro_da_Silva.pdf>. Acesso em 31 jul. 2020.

SUZUKI, João Kanzou. “Uma multidão de crianças”. In: *Teoria e debate*, v. 27, [editorial], dez. 94/fev. 1995. Disponível em: <<https://teoriaedebate.org.br/estante/sem-titulo-5/>> Acesso 29 mar. 2020.

TAVARES, Flávio. Anexo [3 poemas]. In: TAVARES, Flávio. *Memórias do esquecimento*: os segredos dos porões da ditadura. Porto Alegre: L&PM, [1977] 2012.

TAVARES, Neila. *Poesia na Prisão*. Rio de Janeiro: Proleta, 1980.

TIERRA, Pedro. *Poemas do povo da noite*. São Paulo: Livramento, 1979.

TIERRA, Pedro. *Água da rebelião*. Petrópolis: Vozes, 1983.

TIERRA, Pedro. *Dies Irae*: oito testemunhos indignados e uma ressurreição. Brasília: Edição do autor, 1999.

TIERRA, Pedro. *A palavra contra o muro*: Zeit der Widrigkeiten. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

VIANA, Gilney. 131-D: *Linhares*: Memorial da prisão política. Contagem: História, 1979.

TIERRA, Pedro. *Poemas (quebrados) do cárcere*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

VIDAL, Maria Celeste. *Metade Sol metade sombra*. Recife: Bagaço, 1994.

Title

Poems of political prisoners.

Abstract

Inscribed in the broad framework of *resistance literature to the Brazilian civil-military dictatorship*, the poetry of ex-political prisoners still occupies a marginal place in primary bibliographies and critical studies on the literary production of testimonial content. We aim to compile a significant sample of poetic elaborations written by the "political prisoners" of the dictatorship, situating the field of impasses that this *corpus* related to the experience of arbitrary imprisonment condenses and enacts. As it is an effort to systematize this production, this article is descriptive and does not aim to present an analysis (aesthetic or sociological) of the authors, works, or poems mentioned. Based on the field opened by the debate of Heloisa Buarque de Hollanda, we use the expressions "prison poetry" and "prisoner poetry" to designate the poetic productions of ex-political prisoners, written during or after the Brazilian civil-military dictatorship. We do not ignore the multiplicity and heterogeneity of this "genre" and the inaccuracies and impasses that such provisional designations may engender. Every effort to gather, classify and inventory is susceptible to deletions and mistakes. Finally, we do not intend to make a totalizing presentation, which includes all prisoner poets, but list a significant "sampling" found in the research process. To organize this review work, we divided the article into three sections: edited works; prison poetry and the resistance press; the poetry of political prisoners in the archive.

Keywords

Brazilian civil-military dictatorship; Resistance literature; Poems of political prisoners.

Recebido em: 31/07/2020.

Aceito em: 27/08/2020.